

# CETICISMO E ÉTICA

**Kátia Mortari Ramos FONSECA**  
(PUC-Campinas)

## RESUMO

Uma reflexão sobre as questões relacionadas ao ceticismo, será o propósito deste trabalho, somada à preocupação em relacioná-lo com a Ética.

Muitas vezes acusados de relativistas, os céticos, embora tidos como descompromissados e “neutros”, marcaram a história da humanidade. Alguns deles, com suas posturas de vida, filosofias e métodos abalaram convicções seculares, ampliando horizontes na possibilidade de novas leituras de mundo. Por que, então, tamanha rejeição à postura cética?

O ceticismo isenta-se de apresentar qualquer verdade definitiva e, um cético, quando acusado de contradição por apresentar subjacentemente às suas posturas, verdades não assumidas, poderá responder tal qual Wittgenstein em seu *Tractatus Logico-Philosophicus*: sobre aquilo de que não se pode falar, deve-se calar.<sup>1</sup>

---

<sup>(1)</sup> *Wovon man nicht sprechen kann, darüber muß man schweigen.* Ludwig WITTGENSTEIN, *Tractatus Logico-Philosophicus*, 2001, p. 281.

Carl Sagan observaria que o ceticismo é requisito imprescindível, enquanto postura metodológica, ao bom cientista. Karl Popper enfatizou a inutilidade da compulsiva necessidade essencialista do homem<sup>2</sup>. Wittgenstein combateu com veemência a nossa “ânsia de generalização”, procurando apresentar uma filosofia terapêutica que permitisse desfazer equívocos e confusões lingüísticas, grilhões estes que nos aprisionam, deixando-nos misérrimos frente a uma leitura distorcida: pobres de realidade.

**Palavras-chave:** ceticismo – ética – conhecimento – linguagem – leitura

## INTRODUÇÃO

Como observa Grayling<sup>3</sup>, o estudo e o emprego dos argumentos céticos estão profundamente relacionados com a epistemologia, na medida em que um dos objetivos centrais desta seria a determinação da certeza de meios que nos levam ao conhecimento, o que implica a superação de qualquer desafio cético.

Com efeito, o processo de busca do conhecimento constitui-se em esforço constante, no enfrentamento e na tentativa de impasses que nos são impostos pelos desafios céticos e com os quais nos deparamos em nossas pesquisas. Tais desafios, quando não impostos pelas circunstâncias ou por nossos interlocutores, em muitos casos, nós mesmos os formulamos.

Então, o que seria exatamente um cético? Na verdade, vários são os sentidos possíveis de se interpretar o ceticismo. Pode-se denominar cético aquele que não acredita em coisa alguma e nem se julga capaz de um conhecimento efetivo. Todavia, não se deve deixar de lado aqueles que se utilizam dos argumentos céticos, enquanto um

<sup>(2)</sup> Cf. Luis Alberto PELUSO, *A Filosofia de Karl Popper: epistemologia e racionalismo crítico*, 1995, p. 32.

<sup>(3)</sup> A. C. GRAYLING, *Epistemologia*. In *Compêndio de Filosofia*, 2002, p.47.

método, a fim de caminhar em suas pesquisas científicas. São céticos, portanto, os próprios cientistas que se orientam por uma concepção provisória e transitória das verdades científicas.

Na verdade, os céticos e o ceticismo não são frutos de época recente, mas constituem presença marcante em toda a história da filosofia.

Pyrrro de Elis<sup>4</sup> (360-270 a.C.) já adotara posturas céticas – a conhecida *suspensão do juízo* pirrônica –, todavia este procedimento não seria aceito pelos sucessores de Platão, na Academia. Estes recomendariam a aceitação das proposições ou teorias mais prováveis, que se assemelharia à postura, ainda na Antiguidade, reiterada por Sexto Empírico, um proeminente representante da escola cética<sup>5</sup>.

Mas foi no final do Renascimento que todos estes argumentos céticos foram usados com maestria e ineditismo por um grande pensador, que descreveu o papel proeminente da conduta, do método e dos argumentos céticos no processo de investigação e busca da verdade. Entendendo a urgente necessidade de estabelecer um método que privilegiasse um conhecimento genuíno, René Descartes, em suas obras “Discurso do Método” e “Meditações”, aplicando os argumentos céticos tradicionais, procurou estabelecer “as bases da certeza como uma propedêutica à ciência”.<sup>6</sup>

Este trabalho será, de fato, um estudo do ceticismo de forma geral, embora enfoque alguns aspectos particulares do ceticismo de Descartes. Não foram poucos os que o acusaram de ressuscitar de uma forma perigosa de pensar: o raciocínio cético.

Pudemos observar, ainda, em nossas leituras a respeito do *ceticismo* e dos *céticos*, o quanto de resistência e preconceito existe em torno de tais conceitos. O ceticismo é encarado, por seu modo

---

<sup>(4)</sup> Ibidem, p.48.

<sup>(5)</sup> Ibidem, p.49.

<sup>(6)</sup> Ibidem, p.49.

aparentemente demolidor, como uma grande ameaça e o cético um “desmancha-prazeres”: um crédulo se sente violentado, quando se depara com um cético que se lhe perscruta as crenças.

Será que o homem precisa tanto acreditar que acredita? Não se pode negar que, às vezes, nos sentimos tentados a viver na ilusão. Henri Poincaré, por exemplo, citado por Sagan<sup>7</sup>, ao se pronunciar a respeito da credulidade avassaladora, teria dito o seguinte: “Também sabemos quão cruel a verdade freqüentemente é, e nos perguntamos se a ilusão não é mais consoladora”. Entretanto, talvez fosse importante observar que o cético não descarta a esperança, que para ele existe na sua própria liberdade de continuamente buscar.

Francis Bacon, no *Novum organum* (1620) detectou com genialidade as implicações e dificuldades que interferem e mesmo mediam a relação entre o homem e o conhecimento:

A compreensão humana não é um exame desinteressado, mas recebe infusões da vontade e dos afetos; disso se originam ciências que podem ser chamadas “ciências conforme nossa vontade”. Pois um homem acredita mais facilmente no que gostaria que fosse verdade. Assim, ele rejeita coisas difíceis pela impaciência de pesquisar; coisas sensatas, porque diminuem a esperança; as coisas mais profundas da natureza, por superstição; a luz da experiência, por arrogância e orgulho, coisas que não são comumente aceitas, por deferência à opinião do vulgo. Em suma, inúmeras são as maneiras, e às vezes imperceptíveis, pelas quais os afetos colorem e contaminam o entendimento.”<sup>8</sup>

Por outro lado, Carl Sagan acrescenta uma leitura política a respeito desta resistência: o ceticismo é perigoso. E é perigoso porque desafia as instituições estabelecidas, ou seja, se ensinássemos aos nossos estudantes a prática ou o exercício céticos, haveria uma grande

<sup>(7)</sup> Carl SAGAN. *O Ónus do Ceticismo*, p. 4.

<sup>(8)</sup> In Carl SAGAN. *A arte refinada de detectar mentira*, p. 1.

possibilidade de que eles exercitassem tal prática, questionando não somente as instituições religiosas como também as econômicas, as políticas e as sociais. Sagan vai um pouco mais longe, atribuindo mesmo uma função para o ceticismo:

O ceticismo é perigoso. Essa é exatamente a sua função, no meu ponto de vista. É função do ceticismo ser perigoso. E é por isso que há uma grande relutância para ensiná-lo nas escolas. É por isso que você não encontra uma fluência geral em ceticismo na mídia. Por outro lado, como dominaremos um futuro muito perigoso se não tivermos as ferramentas intelectuais mais elementares para fazer perguntas investigativas àqueles nominalmente no comando, especialmente em democracia?<sup>9</sup>

Esta leitura política, no entanto, embora nos pareça de extrema importância não será objeto de nossa atenção neste trabalho. Estaremos mais interessados no estudo do conceito e nas conotações pejorativas que o envolvem, enfim, na clarificação do conceito por intermédio da reflexão de alguns prováveis sentidos possíveis, observados em suas ocorrências e nas variadas interpretações ao longo da história da filosofia. Faremos ainda uma tímida tentativa de distinção entre o cético “dogmático” - o pseudocético - e o cético “pragmático”, apenas como uma forma didática de trabalhar a postura cética frente ao mundo e as implicações e os equívocos gerados a partir de tais posturas.

## O QUE É CETICISMO, AFINAL?

O cético, para a filosofia anglo-americana, por exemplo, seria aquele que, na verdade, nega qualquer possibilidade de conhecimento ou de justificação e fundamentação das crenças. Assim,

---

<sup>9</sup> Ibidem, p. 4.

o cético não se reconhece habilitado a responder às questões propostas, muitas vezes, por ele mesmo.

Um outro tipo de postura cética ou ceticismo seria aquele que caracterizou a filosofia de Sexto Empírico à filosofia de Ludwig Wittgenstein. Estes colocavam em “xeque” as questões que atribuíam aos “dogmáticos”, tentando mostrar que a dificuldade em respondê-las, estaria na própria inadequação de sua formulação.

Wittgenstein, por exemplo, particularmente em sua obra *Investigações Filosóficas*, refere-se repetidamente aos pseudoproblemas filosóficos: preocupação que lhe nortearia a própria filosofia. Neste ponto, semelhantemente a Sexto Empírico<sup>10</sup>, ele aproximou a prática filosófica a uma prática terapêutica que possibilitaria a cura dos equívocos e confusões provenientes do dogmatismo.<sup>11</sup>

Curar qualquer tipo de ilusão, este seria o objetivo do filósofo, que dissolveria os falsos problemas e os equívocos da linguagem, aplicando uma curiosa “terapia”, cujo procedimento se caracterizaria pela recriação das origens de tal ilusão a fim de reconhecê-la, escapando assim de sua dominação<sup>12</sup>.

Nas *Investigações Filosóficas*, particularmente no §593, Wittgenstein alerta o seu leitor, para o perigo das dietas unilaterais: *Uma*

<sup>(10)</sup> Sexto Empírico finaliza a sua obra *Hipótiposes*, defendendo a idéia de que a precipitação do dogmático necessita de cura, comparando o trabalho do filósofo, mais especificamente do cético, ao do médico. E o que ele propõe é a restauração do “equilíbrio”. DUTRA, Luis Henrique de A., *O Comportamento do Cético*, p. 57. Apud. DUTRA, Luis Henrique de A. e SMITH, Plínio Junqueira (org.), *Ceticismo: perspectivas históricas e filosóficas*. Florianópolis: NEL/UFSC, 2000.

<sup>(11)</sup> Dutra, em seu artigo, neste mesmo artigo citado na nota anterior, trabalha com a distinção céticos/dogmáticos, tentando delinear-lhes as características psicológicas e, algumas vezes, servindo-se de algumas teorias radicais comportamentalistas, procura analisar-lhes comportamentos e disposições que lhes propiciam tão diversificadas visões de mundo e relações com as coisas e os objetos.

<sup>(12)</sup> Kátia Mortari Ramos Fonseca, *A Filosofia de Wittgenstein: metodologia e linguagem como investigação filosófica*, monografia, PUC-Campinas, 2000.

*causa principal das doenças filosóficas – dieta unilateral: alimentamos nosso pensamento apenas com uma espécie de exemplos.*

Nesta obra, Wittgenstein observou ainda os perigos que as falsas imagens poderiam ocasionar e alertou para a necessidade de se lutar contra os “enfeitamentos” da linguagem. Quanto a nossas *imagens mentais*, estas deveriam ser norteadoras de nossa leitura de mundo. Este era o ponto! E ele, evidentemente, nos alertava para os perigos das *falsas imagens* e das *dietas unilaterais* que poderiam acarretar um bloqueio em nosso discernimento, conseqüentemente interferindo e comprometendo a relação entre o conhecimento e a realidade:

Quando se fala ou se escreve um absurdo, ou quando alguma coisa parece suspeita, você pode farejá-la. O caminho de saída da confusão pode ser longo e difícil, por este motivo há a necessidade de uma constante atenção a detalhes e exemplos particulares, ao invés de generalizações, as quais tendem a ser vagas e até mesmo potencialmente enganosas. Quanto mais lenta a caminhada, mais certa a segurança de seu final. É por isto que Wittgenstein disse que, em filosofia, o vencedor é aquele que chega por último.<sup>13</sup>

Logo no início das *Investigações Filosóficas* ele iria enfatizar a importância do observador, do sujeito cuja leitura seria determinada pelas suas posturas e crenças. O ideal seria responsável por uma perspectiva de leitura, determinando-nos a interpretações e julgamentos:

Só podemos evitar a injustiça ou o vazio de nossas afirmações, na medida em que apresentamos o modelo como aquilo que ele é, ou seja, como objeto de comparação - por assim dizer, como critério -; e não como pré-juízo, ao qual a realidade deva corresponder. (O dogmatismo, no qual caímos tão facilmente ao filosofar).<sup>14</sup>

(13) Duncan RICHTER, *Ludwig Wittgenstein*, The Internet Encyclopedia of Philosophy.

(14) *Investigações Filosóficas*, § 131.

Análogo à mosca que não encontra a saída do vidro, o filósofo também se encontra perdido “nas confusões filosóficas”, afirmava ele. Correspondente ao vidro que mantém a mosca cativa, uma imagem ideal nos mantém prisioneiros: a linguagem que se repete para nós inexoravelmente...

Grayling apresenta uma valiosa distinção – entre uma definição positiva e uma definição negativa – para que se possa entender um pouco mais o que vem a ser o ceticismo:

Em geral, o ceticismo assume a forma de um pedido de justificação dessas pretensões do conhecimento, junto com a declaração de razões que motivam tal pedido. Geralmente, as razões são que certas considerações dão a entender que a justificação proposta pode ser insuficiente. Conceber o ceticismo dessa forma é vê-lo como sendo mais perturbador e importante filosoficamente do que se for descrito como uma tese positiva enunciando nossa ignorância ou incapacidade para o conhecimento.<sup>15</sup>

Um possível problema, observado por Smith e exaustivamente apontado por Wittgenstein, estaria na dicotomia corpo-mente imposta pelos próprios filósofos ao longo da vasta história da filosofia. Tendendo a um ou a outro lado, as doutrinas mais variadas – algumas bastante excêntricas – surgiram, caracterizando-se, a maioria delas, por forte dogmatismo, o que teria levado, muitas vezes, a equívocos e confusões.

Não foram muitos aqueles que, a fim de preservar a integridade do humano, optaram por uma perspectiva dualista corpo-mente. René Descartes, por exemplo, estaria entre estes, tendo, inclusive, sido considerado o principal representante do *dualismo substancialista*<sup>16</sup>:

<sup>(15)</sup> A. C. GRAYLING. *Epistemologia*. In *Compêndio de Filosofia*, org. Nicholas Bunnin e E. P. Tsui-James, tradução de Luiz Paulo Rouanet, São Paulo: Edições Loyola, 2002, p. 47.

<sup>(16)</sup> Substância *extensa* (corpo) e substância *pensante* (mente). SMITH, Plínio Junqueira. *Sobre a distinção corpo-mente*, p. 127. Cf. Luis Henrique de A. DUTRA e Plínio Junqueira SMITH (org.), *Ceticismo: perspectivas históricas e filosóficas*, 2000.

um grande esforço na união substancial entre corpo e alma. Sem dúvida, um de seus grandes *insights* teria sido perceber o simplismo desta dicotomia, insuficiente para explicar o ser humano em sua totalidade.<sup>17</sup>

Smith observa que o objetivo do “ceticismo terapêutico” seria o de destruir os preconceitos filosóficos, isentando-se de qualquer preocupação em elaborar uma descrição dos fenômenos<sup>18</sup>. É provável que esta postura tenha colaborado bastante para uma reação bem próxima do repúdio que os céticos vêm recebendo ao longo dos tempos, principalmente, por aqueles que não conseguem compreender uma filosofia cuja busca não prevê qualquer fim ou futuro.

### ENTENDENDO O CETICISMO...

O que são nossas crenças? O que é a verdade? De onde me vem a certeza da verdade? O cético questiona a nossa certeza, lembrando-nos de nossa contingência e da falibilidade de nossos modos de aquisição do conhecimento:

Os argumentos céticos exploram certos fatos contingentes, sobre nosso modo de adquirir, testar e lembrar nossas crenças, bem como raciocinar sobre elas. Qualquer problema que infecta a aquisição e emprego de crenças sobre uma dada matéria, e em particular, qualquer problema que infecte nossa confiança na manutenção de que aquelas crenças eram justificáveis ameaça a nossa manutenção de posição sobre o assunto em questão.<sup>19</sup>

Ora, o cético abala as nossas crenças, na medida em que coloca em destaque as nossas contingência e vulnerabilidade. Somos

<sup>(17)</sup> Ibidem, p. 127

<sup>(18)</sup> Ibidem, p. 129.

<sup>(19)</sup> A. C. GRAYLING, *Ceticismo*, p.3.

falíveis – ele nos diz -, e tal falibilidade não nos garante discernimento e controle, tanto no que se refere à percepção da natureza como com relação aos nossos estados mentais.

Grayling observa que as considerações céticas atingem as duas principais escolas de pensamento, que se destacam, ao longo de toda a história da filosofia, disputando o controle do verdadeiro conhecimento: a racionalista – ênfase na razão – e a empirista, que dá primazia à experiência. A propósito de tal distinção, contudo, o ceticismo não se manifesta, sendo que nenhuma delas, nem a escola racionalista e nem a escola empirista, escapam ao desafio do cético, que afirma estarem ambas sujeitas ao erro e à ilusão.

## E COMO AGEM OS CÉTICOS?

O cético afirma que o nosso conhecimento, ou melhor, nossa certeza do conhecimento fundamenta-se em alicerces bastante frágeis e, daí, a necessidade de questionarmos até que ponto não estaríamos envolvidos em erros e enganos.

Neste sentido, ele procura focar as bases de nossas certezas. Eis o alvo do cético, que irá levantar argumentos que colocam sob suspeita tanto a percepção do sujeito como a própria integridade do objeto percebido.

O método da *diaphonia*, por exemplo, seria um modo de ressaltar o conflito das opiniões e nossa incapacidade em resolvê-lo. Qualquer critério escolhido redundaria, ou em um *círculo vicioso*, ou em uma *regressão ao infinito* ou, ainda, na aceitação arbitrária de uma hipótese qualquer.

Plínio Junqueira Smith, apesar de reconhecer a validade de uso de tal argumento cético em situações conflituosas em que as opiniões divergem em demasia, observa com propriedade que, embora

válido, tal procedimento cético nada acrescenta: nem às partes em conflito e nem mesmo ao próprio ceticismo.<sup>20</sup>

A força do cético pode estar, na verdade, em sua habilidade de ressaltar os discursos contrários: prós ou contras, e isto não importa muito. E normalmente não importa, porque o seu objetivo, mais do que defender um ponto de vista é salientar o dogmatismo em que as doutrinas, muitas vezes, se encerram.

Como explica Smith, as teorias filosóficas acerca do ser humano, por exemplo, contrapõem-se em constante discussão crítica e, simultaneamente, chocam-se as argumentações que defendem qualquer teoria com os argumentos e críticas que a invalidam: *Todas as doutrinas se criticam mutuamente, levantando problemas e dificuldades nas teorias rivais e mostrando suas inconsistências e inaceitabilidade.*<sup>21</sup>

Assim, o que um cético pode fazer é examinar os argumentos favoráveis e os argumentos contrários às diversas teorias, mostrar o estado de *isostheneia* que existe entre eles. E em que consiste tal estado? É uma neutralização produzida pelo contrabalançar de forças contrárias: uma eqüipolência. Aliás, como destaca Smith, a habilidade do cético estaria justamente em, pelo discurso, instalar este estado eqüipolente:

...se já não reinasse essa eqüipolência, o cético teria a habilidade de instalá-la, uma vez que tem a capacidade de opor a um discurso um outro discurso contrário de força igual.<sup>22</sup>

Todavia, não se pode deixar de esclarecer aqui que a *isostheneia* é característica da filosofia atual, na qual se insere um número considerável de doutrinas filosóficas. Considere-se o clima que

---

(20) Cf. Plínio Junqueira SMITH. *Corpo-Mente*, p.127. Apud. Luis Henrique de A. DUTRA e Plínio Junqueira SMITH(org.), *Ceticismo: perspectivas históricas e filosóficas*, 2000.

(21) *Ibidem*, p. 111.

(22) *Ibidem*, p. 111.

se instaura, quando estas variadas doutrinas, cujas visões se diversificam sobremaneira, abrangendo e defendendo interesses que se localizam em extremos opostos, discutem os seus pontos de vista: cada qual apresenta argumentos plausíveis tanto de defesa de suas próprias visões quanto de críticas às outras doutrinas que dela divergem. Deste modo, de forma abrangente, não se pode negar o clima de ceticismo em que se processa todo o debate filosófico atual. Assim, paradoxalmente, a comunidade filosófica, nunca antes tão livre para pensar, vê-se às voltas com um mundo cético, em decorrência de seu próprio exercício do filosofar.

## A ARGUMENTAÇÃO CÉTICA

Como afirma Grayling, é característica do argumento cético as considerações a respeito do erro, da ilusão e do sonho. Na verdade, talvez se pudesse pensar em estratégias diferenciadas ou em uma justaposição de argumentos que são utilizados pelo cético com o objetivo de mostrar ilusões e abalar as certezas. Alguns argumentos céticos são enumerados abaixo:

### 1. O argumento do erro

Na qualidade de criaturas falíveis, devemos reconhecer que em alguns casos nos enganamos. Quando afirmamos a certeza de algo, estamos, simultaneamente, negando qualquer possibilidade de engano. Ora, se reconhecemos a nossa falibilidade e se sabemos que quando nos enganamos não estamos conscientes de nossos erros, então, qualquer afirmação ou certeza de nossa parte não pode ser justificada.

### 2. O argumento da ilusão

A possibilidade de vivenciar estados como o sonho, a ilusão, a fantasia ou mesmo a alienação é característica do homem. Este,

respeitando-se as variações de grau, pode, em alguns casos, confundir qualquer destes estados com experiências verdadeiras. Sendo assim, qualquer afirmação de verdade, partindo de alguém que pode vivenciar tais estados, jamais poderá ser inteiramente justificada.

### 3. O argumento do sonho

Brilantemente utilizado por Descartes, tal argumento serve-se de nossas próprias experiências oníricas, para instaurar a dúvida em qualquer certeza que tenhamos: quando sonhamos temos absoluta certeza, muitas vezes, de que tudo o que estamos vivenciando, no sonho, é real. Ora, se tenho agora a certeza de minha experiência, quem me garante que não estou sonhando e que esta certeza não é ilusória?

### 4. Argumentos que apontam a limitação da percepção humana

Este tipo de argumento, como observa Grayling, se impõe particularmente ao empirismo, cujas fontes de conhecimento são ameaçadas com a sugestão da natureza e da limitação da percepção:

No meio físico, as luzes refletem a partir da superfície dos objetos e passam para os nossos olhos, irritando as células da retina, de tal modo que disparam impulsos nos nervos óticos. Os nervos óticos transportam esses impulsos para a região do córtex cerebral, que processa dados visuais, que estimulam certos tipos de atividade. Como resultado, de um modo ainda misterioso para a ciência e para a filosofia, “quadros em movimento” emergem na consciência do sujeito, representando o mundo exterior à sua mente. Essa notável transação é repetida *mutatis mutandis* no sentido de outras modalidades sensórias, como ouvir, sentir cheiro, gosto e tato, fazendo emergir percepções de harmonia e melodia, perfumes e excitação olfativa, suavidade, delicadeza, calor, e assim por diante.

Com efeito, dirá o cético, as experiências que resultam da interação de nossos sentidos com o mundo podem ocorrer por motivos diferentes, dada a complexidade deste processo de apreensão do objeto, do qual se não temos sequer consciência de todas as suas etapas, também não podemos afirmar se houve ou não qualquer falha ou desvio no meio do processo. E nem mesmo se pode garantir se uma outra fonte qualquer de estimulação poderia ou não ter desencadeado um processo que, embora similar à experiência de representação, na verdade suas imagens mentais não correspondem a realidade alguma, como é o caso, por exemplo, dos sonhos e das alucinações. Este argumento, portanto, como se pode ver, é mais abrangente do que os citados acima, podendo, inclusive, ser utilizado para os justificar.

## 5. Argumento das relatividades perceptuais

Neste caso, ocorre, de acordo com os céticos, um equívoco de discernimento entre o que é uma real qualidade do objeto e o que seria apenas resultado das relações perceptuais:

A qualidade dos objetos, suas cores, gosto, cheiro, som e textura, variam de acordo com a condição de quem percebe ou das condições sob as quais são percebidos. Os exemplos padrões são em grande número: a grama é verde de dia, preta à noite; a água morna mostra-se quente para uma mão fria, fria para uma mão quente; objetos parecem maiores de perto, pequenos de longe, etc.<sup>23</sup>

De uma forma geral, para Grayling, o relativismo seria uma espécie de ceticismo disfarçado. Contudo, ele não somente seria mais poderoso como seria também uma forma bastante problemática de ceticismo. E isto, devido à sua perspectiva de que o conhecimento e a verdade são relativos a um ponto de vista: a um tempo, a um espaço,

<sup>(23)</sup> A. C. GRAYLING, *Ceticismo*, p. 6.

a um ambiente cultural e assim por diante, o que coloca a impossibilidade de qualquer noção universal aceitável de conhecimento e verdade.

Talvez devêssemos inserir aqui, à guiza de exemplificação, algumas observações que faz Stephen Hawking em sua obra *Uma breve história do tempo* com relação a variadas concepções de universo e as diferentes idéias de movimento apresentadas de um lado por Aristóteles e de outro por Galileu e Newton. Aristóteles defendia que a Terra era fixa, justamente por acreditar em um estado de repouso dos corpos, caso não fossem atingidos por um impulso ou força qualquer. Ora, as leis de Newton seriam responsáveis pelas demonstrações de que um padrão único de repouso não seria possível de se sustentar:

Pode-se dizer que o corpo A está parado e o corpo B está se movendo em velocidade constante em relação ao corpo A, da mesma forma que se pode afirmar que o corpo B está parado e o corpo A em movimento. Por exemplo, esquecendo por um momento a rotação da Terra e sua órbita em torno do Sol, pode-se dizer que a Terra está parada e que um trem sobre ela está viajando para o norte a 150 km por hora, ou que o trem está parado e a Terra está se movendo para o sul na mesma velocidade.<sup>24</sup>

Desta forma, prossegue Hawking, se alguém se dispuser a jogar pingue-pongue em um trem, irá perceber que as leis de Newton se explicam da mesma forma, a saber, não há como se afirmar qual é que se desloca, se o trem, ou a Terra. Um outro ponto interessante é o fato de que a ausência de um padrão absoluto de repouso ocasiona a dificuldade em se determinar se dois eventos que ocorrem no mesmo lugar em instantes diferentes, ocorrem em uma mesma posição no espaço: se, por um acaso, um jogador dentro do trem lança uma bola e esta, no intervalo de um segundo, repica duas vezes no mesmo lugar, para um observador externo, os eventos apareceriam separados por

---

<sup>(24)</sup> Stephen W. HAWKING. *Uma breve história do tempo: do Big Bang aos buracos negros*, 2000, p. 38.

uma distância de aproximadamente 100 metros, que seria a distância que o trem teria se deslocado na estrada no intervalo entre os dois eventos:

A não existência do repouso absoluto, então, significa que não se pode atribuir a um evento uma posição absoluta no espaço, como Aristóteles pensava. As posições dos eventos e a distância entre eles serão percebidas de maneiras diferentes por quem esteja no trem e por quem esteja na estrada, e não há razão para preferir a percepção de uma pessoa à outra.

Na verdade, os argumentos céticos são muito fortes, principalmente, quando ao invés de tentar provar a nossa ignorância, interroga-nos a respeito das justificações de nossas assertivas de conhecimento.<sup>25</sup>

Uma boa estratégia para se escapar de uma argumentação cética seria, quem sabe, buscar as razões que impulsionam o cético a requerer tal justificação: se há a necessidade de aceitar ou não o desafio. E considere-se aqui que uma interpelação cética será sempre um desafio! E se, por um acaso, as razões apresentadas pelo cético forem convincentes, não há escapatória! O negócio será reunir todas as nossas energias e habilidades para enfrentar tal desafio, buscando uma resposta adequada.

## DETECTANDO MENTIRAS...

Em seu artigo “A arte refinada de detectar mentiras”, Carl Sagan descreve o pensamento cético, enquanto um “meio de construir e compreender um argumento racional e – o que é especialmente importante – de reconhecer um argumento falacioso ou fraudulento”.

<sup>(25)</sup> A. C. GRAYLING, *Ceticismo*, p. 8.

O que importa, salienta ele, não é aceitar um raciocínio pelo fato de que a sua conclusão nos é agradável, mas cuidadosamente observar, se esta conclusão que nos agrada partiu de premissas verdadeiras.

Assim, com a preocupação prática de prevenir a todos os que podem cair vítimas das artimanhas dos raciocínios falaciosos, Sagan apresenta algumas recomendações que ele reconhece ter se inspirado nos procedimentos habitualmente utilizados pelos cientistas:

- Procurar a confirmação dos “fatos”;
- Debater substantivamente sobre as evidências com representantes de todos os pontos de vista;
- Não considerar, em demasia, os argumentos de autoridade;
- Considerar mais de uma hipótese e tentar refutar a todas, conservando aquela que resistir às refutações;
- Não priorizar a própria hipótese, apenas porque é a “sua” hipótese;
- Quantificar sempre que possível;
- Verificar se todos os elos da cadeia de raciocínio funcionam;
- Aplicar a Navalha de Occam: optar pelo mais simples, no caso de eficiência similar;
- Perguntar, em princípio, se a hipótese pode ser falseada: as proposições que não podem ser testadas ou falseadas, não possuem valor;

Além deste *kit*, como ele assim o chama, Sagan apresenta ainda um outro, ao qual ele nomeia de *kit de detecção de mentiras* que tanto ensina o que não se deve fazer como habilita ao reconhecimento das falácias perigosas da lógica e da retórica, comumente utilizadas:

1. Argumento *ad hominem*: quando se ataca o argumentador e não o seu argumento;

2. **Argumento de autoridade:** quando se usa a posição de autoridade de alguém, a fim de validar o argumento;
3. **Argumento das conseqüências adversas:** assegurar a validade do argumento, pela contraposição de uma situação bem pior, caso este não fosse aceito;
4. **Apelo à ignorância:** asseverar que, se não se provou que alguma coisa é falsa, então, ela é verdadeira;
5. **Alegação especial:** normalmente, alega-se a não compreensão do interlocutor que refuta o argumento, por este ser complexo, ou pela situação ser “única” e especial;
6. **Petição de Princípio:** afirmar a resposta a que se quer chegar. Ex: “Devemos instituir a pena de morte para desencorajar o crime violento”. Mas a taxa de crimes violentos realmente cai, quando se institui a pena de morte?
7. **Seleção de Observações:** enumeração das circunstâncias favoráveis, ou, de acordo com a descrição de Francis Bacon, contar os acertos e “esquecer” os fracassos;
8. **Estatística dos números pequenos:** “Tirei três sete seguidos. Hoje à noite não tenho como perder”.
9. **Compreensão errônea da natureza da estatística;**
10. **Incoerência;**
11. **Non sequitur:** expressão latina que significa “não se segue”. Ex: Afirmar que a nossa nação vencerá a guerra porque Deus é grande. E se a nação adversária afirmar o mesmo?
12. **Post hoc, ergo propter hoc:** expressão latina: “depois disto então por causa disto”. Ex: Antes de as mulheres adquirirem o direito de votar, não havia armas nucleares.
13. **Pergunta sem sentido:** “O que acontece quando uma força irresistível encontra um objeto imóvel?”.

14. **Exclusão por meio-termo ou dicotomia falsa:** consideram-se os dois extremos de um *continuum* de possibilidades. Ex: “Ame o seu país ou deixe-o”.
15. **Declive escorregadio:** relacionado à exclusão do meio-termo. Ex: “Se permitirmos o aborto no primeiro mês, será impossível evitar o assassinato de bebê no final da gravidez”.
16. **Confusão de correlação e causa:** “Um levantamento mostra que é maior o número de homossexuais entre os que têm curso superior do que entre os que não possuem, portanto, a educação torna as pessoas homossexuais”.
17. **Espantelho:** caricaturar uma posição, a fim de facilitar o ataque. Ex: “Os ambientalistas se importam mais com corujas pintadas do que com gente”.
18. **Evidência suprimida ou meia verdade;**
19. **Palavras equívocas:** os eufemismos para a guerra – “ações políticas”, “incursões armadas”, “pacificação” – são um dos itens de uma categoria realmente ampla de alterações da linguagem para fins políticos. Segundo Talleyrand, “uma arte importante dos políticos é encontrar novos nomes para instituições que com seus nomes antigos se tornaram odiosas para o público”.<sup>26</sup>

## UMA HERANÇA MUITO ANTIGA

Prática muito antiga, o ceticismo, em toda a sua arte de duvidar, já havia sido objeto de estudo da Antiguidade. Sexto Empírico, por exemplo, com suas *Hipotiposes Pirronianas*, deixou-nos material revelador a respeito do ceticismo com uma descrição detalhada das

<sup>(26)</sup> Carl SAGAN, *A arte refinada de detectar mentiras*, p. 14.

variadas posturas cética e compilações das figuras e tropos dos vários céuticos que marcaram a história da filosofia. Abaixo, segue uma pequena enumeração de alguns tropos da obra de Sexto Empírico, colhidos no artigo de Porchat Pereira, intitulado *Saber comum e ceticismo*:

- Equipotência (*Isosthéneia*): seu princípio básico consiste em opor a todo discurso um discurso igual, isto é, de igual força persuasiva, manifestando assim uma eqüipotência no que diz respeito à credibilidade dos argumentos conflitantes que sempre se podem aduzir de um lado ou de outro de qualquer questão (*Hip. Pirr.* I, 12;10), nenhum deles mais digno de fé que o outro. Segundo Porchat, este seria o princípio básico utilizado pelos céuticos para induzir-nos à *epoché* generalizada, fazendo-nos, com isso, cessar de dogmatizar;
- A oposição de todas as maneiras possíveis: aparências a aparências, juízos a juízos, aparências a juízos (*Hip. Pirr.* I, 8-9);
- Invocação das ilusões dos sentidos: argumentos baseados nos sonhos e nas alucinações (*Hip. Pirr.* I, 36-128). Os setes primeiros entre os dez tropos atribuídos aos antigos céuticos lidam, sobretudo, com as discrepâncias das percepções;
- Apelo às diferenças inegáveis entre as tradições, as leis e os costumes (*Hip. Pirr.* I, 145-163).
- Lembrança do caráter relativo das coisas<sup>27</sup> (*Hip. Pirr.* I, 137-140, 167, 175,177);
- Um dos tropos fundamentais do ceticismo é o da discordância (*diaphonia*), que nos exhibe o insanável conflito

<sup>(27)</sup> O tropo da relatividade faz parte tanto dos dez tropos atribuídos aos antigos céuticos, quanto aos cinco atribuídos a Agripa.. IN: OSWALDO PORCHAT PEREIRA, *Saber Comum e Ceticismo*, p. 153.

e discrepância de opiniões a respeito de todos os assuntos, tanto entre as pessoas comuns quanto entre os filósofos (*Hip. Pirr.* I, 165). O conhecimento desta universal *diaphonia* nos torna capazes de escolher ou rejeitar qualquer opinião e nos induz à suspensão do juízo;<sup>28</sup>

- O tropo da hipótese (*ex hypothéseos*): a proibição de assumir qualquer ponto de partida sem demonstração (*Hip. Pirr.* I, 168);
- Os tropos do regresso infinito e da circularidade (*Hip. Pirr.* 166-169). Ou seja, este tropo confirma a impossibilidade da demonstração, dado que, ao se exigir do dogmático a demonstração (tropos anterior) se está condenando-o a uma regressão infinita: sempre fornecer provas para as premissas de suas provas;<sup>29</sup>
- A inexistência de um critério de realidade ou de apreensão da verdade (*Hip. Pirr.* II, 18-21);
- Abstenção de qualquer asserção positiva acerca das realidades exteriores (*Hip. Pirr.* I, 15, 19, 99, 128, 134, etc.).

Desta forma, observa Porchat Pereira:

Não havendo como justificar opiniões ou legitimar asserções que se pretendam verdadeiras, quer se trate de nossas crenças e opiniões banais e cotidianas, quer de asserções e teses filosóficas, somente nos resta o caminho de uma universal *epoché*.<sup>30</sup>

<sup>(28)</sup> A controvérsia das coisas exibe a sua não-evidência (*Hip. Pirr.* 182).

<sup>(29)</sup> Sobre a existência das demonstrações cf. II, 144-192. os cinco topos da discordância, regresso infinito, relatividade, hipótese e circularidade parecem dever-se a Agripa, cf. Diógenes Laércio IX,88. esta citação foi tirada de Oswaldo PORCHAT PEREIRA, *Saber Comum e Ceticismo*, p. 145.

<sup>(30)</sup> *Ibidem*, p. 146.

## E QUAL É A PRETENSÃO DO CETICISMO?

Como salienta Porchat Pereira, “o ceticismo não pretende que os seus argumentos destrutivos sejam conclusivos”. Na verdade, tal pretensão se caracterizaria em uma postura dogmática – um “dogmatismo às avessas”.<sup>31</sup> O objetivo maior do cético é demonstrar, ao dogmático, a força de seu argumento, isto é, a força do argumento contrário. Neste caso, com relação aos argumentos dogmáticos que defendem, por exemplo, um critério de verdade, o cético lançará mão de contra-argumentos similarmente plausíveis<sup>32</sup>, no intuito específico de, com o clima de instabilidade e incerteza que ele instaura, desarmar qualquer postura dogmática. E é nesta situação de equípotência (*isostheneia*), imposta pelo cético, que se instaura a *epoché*, impondo-se como única solução de tal impasse (*Hip. Pirr.* 103,192).

Todavia, nesta aventura, os argumentos céticos se autodestroem, juntamente com aqueles argumentos probativos dos dogmáticos que eles se empenham em desconstruir (*Hip. Pirr.* II, 189). Mas tal procedimento é comparado a uma medicação purgativa – uma terapêutica – necessária para combater as posições dogmáticas que se vislumbram patológicas: *O ceticismo concebe-se a si próprio com uma terapêutica, que se serve do discurso para curar os homens de sua propensão dogmática.*<sup>33</sup>

Este enfoque da filosofia enquanto terapêutica seria adotado por Ludwig Wittgenstein, filósofo contemporâneo anteriormente citado neste trabalho<sup>34</sup>, que, com algumas variações, utilizou-se da metáfora da escada, que segue abaixo, construída por Sexto Empírico:

...assim como um homem pode, após ter subido a um lugar alto por meio de uma escada, desfazer-se dela, assim também o cético, ao atingir por via da argumentação, sua

<sup>(31)</sup> Ibidem, p.147.

<sup>(32)</sup> *Hip. Pirr.* II, 79. Ibidem, 147.

<sup>(33)</sup> *Hip. Pirr.* III, 280-281).

<sup>(34)</sup> Ver pp. 11-13.

“tese”, que contradiz, e, portanto, suprime uma formulação “dogmática”, também suprime, no mesmo movimento, sua própria argumentação (*Contra os lógicos* II, 481).<sup>35</sup>

Entrementes, uma distinção que deve ser feita, como esclarece Porchat Pereira, é que não se trata de uma terapêutica que se coloca contra a filosofia, mas sim de uma terapia filosófica que se apresenta enquanto tal e, neste ponto, bastante similar à idéia de filosofia defendida por Wittgenstein: a filosofia enquanto prática filosófica.

Com efeito, as maiores resistências à filosofia wittgensteiniana recorrem à alegação de que aceitar a filosofia de Wittgenstein seria aceitar o fim da filosofia. Entretanto, talvez, uma questão pudesse ser aqui levantada: De que filosofia se estaria falando? Será que o que Wittgenstein combatia não era apenas o modo de se pensar a filosofia? E não seria um pouco de exagero afirmar que o pensamento de Wittgenstein comprometeria toda a existência da filosofia? Aliás, será que mais exagerada não seria a pretensão dos filósofos em sua concepção de filosofia?

Sexto Empírico já descrevera as diferentes formas de filosofia: a) a **dogmática**, com pretensões de Verdade; b) a **acadêmica**, que acreditava ser a verdade inapreensível e c) a **cética**, que sugeria uma investigação permanente.

Desta forma, os cétricos condenam-se à busca contínua e o próprio nome, com o qual eles caracterizam a sua escola – **ZETÉTICA** – é revelador, pois a etimologia nos levará ao verbo grego *zetein*, cujo significado é “procurar”, “buscar”. Existe, portanto, no cético, um filosofar incansável, ao passo que tanto aquele que julga chegar à Verdade como o que crê impossível apreendê-la colocam, com tal procedimento, um fim em seu próprio filosofar.<sup>36</sup>

Todavia, mesmo a mera utilização de argumentos cétricos enquanto método provou a sua eficácia e importância dentro da história

(35) Oswaldo PORCHAT PEREIRA, *Saber Comum e Ceticismo*, p.147.

(36) Oswaldo PORCHAT PEREIRA, *Saber Comum e Ceticismo*, p. 148.

da filosofia. Descarte, por exemplo, teria sido, sem dúvida, o maior representante de tal procedimento e responsável pela emergência, na filosofia, de um novo paradigma relacionado à busca de conhecimento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

René Descartes, ao se socorrer, em sua filosofia, de todo o instrumental dos céticos, questionando o valor objetivo de nosso conhecimento, em busca de sua certeza, praticou a *epoché* (suspensão do juízo) e, inegavelmente, enquanto o fazia, procedeu totalmente como um cético. Em suas "*Meditações*", particularmente na Primeira Meditação, ele demonstrou o filosofar cético, apresentando, metodicamente, ao mundo ocidental, um novo modo de fazer filosofia, que não mais poderia ser descartado e que sobreviveria de forma intensa até os dias atuais. Porchat Pereira enfatizou a decisiva contribuição de Descartes para que o ceticismo viesse a se embutir no processo de constituição da filosofia moderna:

Ao fazer a edificação de seu sistema filosófico repousar sobre uma prévia suspensão cética da realidade "exterior" e sobre o questionamento cético de todas as nossas certezas, inclusive, obviamente, as mais banais e cotidianas, Descartes instituiu, em suas "*Meditações*", um modelo que a posteridade pós-cartesiana viria a assumir de modo quase unânime.<sup>37</sup>

E qual seria exatamente este modelo? Ora, "um modelo cartesiano de propedêutica cética ao filosofar, determinando o ponto necessário de partida para qualquer empreendimento filosófico"<sup>38</sup>: a suspensão do juízo e a adoção de uma ética provisória do mundo.

Porchat alerta para o fato de que o ceticismo contribuiu para uma gradativa desqualificação do Saber Comum e do Senso Comum ao

<sup>(37)</sup> Oswaldo PORCHAT PEREIRA, *Saber Comum e Ceticismo*, p. 153.

<sup>(38)</sup> *Ibidem*, p. 153.

pretender induzir-nos a uma “suspensão do juízo” não somente sobre as teses filosóficas, mas, sobretudo, a respeito de nossas opiniões e certezas cotidianas. A filosofia cética perpetuou tal procedimento no filosófico moderno e cotidiano, “consubstanciando algo como uma postura metodológica básica e comum, mesmo se no mais das vezes apenas implícita”.<sup>39</sup> Como resultado, observou-se, ao longo de todo um processo histórico, uma crescente desqualificação do senso comum, embora, na filosofia contemporânea, já se vislumbrem posições filosóficas que, nas últimas décadas, têm valorizado o saber comum: Popper, por exemplo, acredita ser o senso comum, o ponto de partida para qualquer conhecimento – um ponto indispensável, embora vago e inseguro. O que não descarta, diga-se de passagem, a leitura de uma postura cética.

Um outro ponto importante estaria no fato de que, de certo modo, no caso de se analisar a trajetória do paradigma cético cartesiano, poder-se-ia constatar que este modelo é pressuposto na construção dos grandes e dogmáticos sistemas idealistas. Daí, seria possível pensar que a filosofia cética, principalmente após o período em que apareceu a filosofia cartesiana, seria, na verdade, um instrumento utilizado para “limpar o terreno”, favorecendo, com isto, a implantação da filosofia dogmática.

Tal possibilidade deve ser seriamente considerada, inclusive por força das evidências históricas, pode-se, inclusive, fazer uma leitura política: na medida que tais posturas céticas poderiam ser utilizadas enquanto formas de dominação. Todavia, o acriticismo e a ingenuidade constituem-se predicados imprescindíveis para que tal domínio ocorra. Ou seja, se o meu interlocutor se serve em um primeiro momento de um aparato cético para derrubar as minhas certezas e, posteriormente, incutir em mim um sistema bem elaborado, cuja finalidade obscura seria a minha dominação, somente com uma postura cética, eu conseguiria me desvencilhar de seus intentos. Se eu, longe de ser um cético, estivesse esperando por uma grande verdade reconciliadora, mais

<sup>(39)</sup> Ibidem, p. 156.

facilmente eu estaria aberto às suas investidas. E, neste último caso, nem eu e nem o meu interlocutor seríamos realmente céticos.

Desta forma, se faz importante, neste ponto, distinguir entre, no mínimo, duas formas de ceticismo: o ceticismo enquanto um procedimento, apenas utilizado como um método para se chegar a algum lugar, um método acolhido, inclusive, por um dogmático, e o ceticismo enquanto prática filosófica e, neste sentido, bastante próximo da definição de *filosofia cética* estabelecida na antiguidade por Sexto Empírico.

Porchat Pereira defende a idéia de que este processo, iniciado pela filosofia moderna, colocou um abismo entre a vida comum e a filosofia, uma ruptura que a ele, particularmente, impulsiona a uma escolha entre uma e outra:

No que concerne à vida comum em que me encontrei, ela é certamente para mim coisa bem outra que não a *bio koinós*, tal como os céticos a concebem após a *epoché* a que me querem arrastar. Porque eu a assumi a sério e “pra valer”, ao estilo do homem comum. Vivendo as suas opiniões, suas crenças, suas certezas, mesmo se devendo utilizar aqui e ali, ao sabor da necessidade, os recursos da autocrítica que o Saber Comum coloca a meu dispor. Não creio possível viver sem efetivamente opinar e sem crer, sem crer séria e convictamente. Não creio possível viver sem conhecer, nem dizer sem assertar. A mera observância “adoxástica” das necessidades da vida aparece-me como uma aberração patológica. Nem me parece aceitável crer, fingindo-se que se não crê, assertar, fingindo-se que se não asserta. A adoxia cética tem sabor para mim de uma fixação.<sup>40</sup>

A nosso ver, apenas um aspecto talvez não tenha ficado muito claro no posicionamento do autor: o que ele entende por filosofia. Resgatando a antiga concepção e classificação das formas de filosofia,

---

<sup>(40)</sup> Ibidem, p. 157.

colocada por Sexto Empírico<sup>41</sup>, não conseguimos situá-lo em nenhuma destas formas: o que temos no texto é uma defesa das crenças e do homem comum e da vida comum.

Danilo Marcondes, também se mostra favorável a esta volta à vida comum, embora a sua posição com relação ao cético se apresente um tanto divergente da exposta acima por Porchat Pereira:

Mas, afinal, quem é o cético? Eu diria que o cético é o filósofo cuja reflexão completou o círculo e que chegou a descobrir o caminho de volta à vida comum. E se nos fizermos a famosa pergunta: “Pode o cético viver o ceticismo?”, nossa única resposta possível será: “Não!” Porém, o cético não precisa viver o ceticismo, nenhum filósofo pode realmente viver sua filosofia como tal, uma vez que a filosofia, no sentido cético e no wittgensteiniano, não é para ser vivida; ela apenas nos prepara para viver a própria vida.<sup>42</sup>

No que concerne à antiga classificação de Sexto Empírico às formas de filosofia, talvez fosse importante salientar que a **filosofia cética** se difere do mero **procedimento cético** que muitas vezes se presta a propósitos dogmáticos. Esta, enquanto caracterizada pela busca constante, descarta qualquer dogmatismo.

Um ponto a ser revisto seria quanto à utilização da sucessão histórica pós-cartesiana para justificar a acusação de uma responsabilidade do paradigma cético cartesiano, quanto às frentes e “terrenos” que ele, respectivamente, abriu e “limpou”, em que se infiltraram e se estabeleceram as filosofias dogmáticas, ou seja, os grandes sistemas idealistas que surgiram desde então. Se esta leitura é aceitável, não é a única possível e, talvez se torne necessário, retroceder um pouco mais

(41) a) a **dogmática**, com pretensões de Verdade; b) a **acadêmica**, que acreditava ser a verdade inapreensível e c) a **cética**, que sugeria uma investigação permanente.

(42) Danilo MARCONDES. *Ceticismo e Filosofia Analítica: por um novo rumo*. In: *A Filosofia Analítica no Brasil*, organização de Maria Cecília M. de Carvalho – Campinas, SP: Papirus, 1995, p. 33.

historicamente, para observar que, em período anterior a Descartes, não havia muito espaço para os questionamentos céticos e, mesmo assim, o dogmatismo imperava.

Certamente, a não-aceitação da *adoxia* cética, do “fingir que não se crê, crendo”, parece ser uma razoável escolha. É a negação de uma postura incoerente. Assim como também o seria a negação da postura inversa: daquele que não crê, mas finge que crê, e, por não se conceber sem crenças, age semelhantemente à virgem que tenta continuamente reconstruir o seu próprio hímen. Mas o que importa destacar em ambos os casos é o que há de comum nas duas posturas: o fingimento de se acreditar em algo, devido a não-aceitação de seu contrário.

A filosofia cética busca, investiga, procura evidências e refuta. Seria um contra senso afirmar que esta filosofia nega a verdade, pois caso assim o fosse não haveria a busca interminável: contínuo galgar para o conhecimento. Todavia, a proximidade do ceticismo com o relativismo favorece, de forma incontestada, uma certa predisposição e cuidado. Mas, estas considerações sobre o relativismo e sua proximidade com os céticos seriam um vasto material para um outro trabalho. Ao declarar, em suas *Investigações Filosóficas*, que “o sentido está no uso”, lançando mão de conceitos tais como *jogos de linguagem* e *formas de vida*, Wittgenstein, ao menos aparentemente, estava dificultando a permanência de qualquer consideração aos sentidos absolutos e às regras universais. Como conciliar o múltiplo e o uno? Somando-se a isto, a sua representação de filosofia enquanto atividade a restringiria sobremaneira, se comparada às concepções tradicionalmente aceitas de filosofia.

Stephen Hawking apresenta, no final de seu livro *Uma breve história do tempo* uma explicação para tal impasse. Segundo ele, até o momento presente os cientistas se preocuparam mais em desenvolver teorias que explicassem o *que* é o universo e pouco questionaram a respeito do seu *por quê*:

Por outro lado, as pessoas cuja tarefa é fazer a pergunta *por quê*, os filósofos, não são capazes de se manter atualizadas com as mais avançadas teorias científicas. No século XVIII os filósofos consideravam todo o conhecimento humano, incluindo a ciência, como campo de seu domínio e discutiam questões como a possibilidade de o universo ter tido um começo. Entretanto, nos séculos XIX e XX a ciência se tornou muito técnica e matemática para os filósofos ou qualquer outra pessoa além dos poucos especialistas. Os filósofos reduziram tanto o escopo de suas indagações, que Wittgenstein, o mais famoso pensador deste século, declarou: “A única tarefa que sobrou para a filosofia foi a análise da linguagem.” Que decadência da grande tradição de filosofia de Aristóteles a Kant!<sup>43</sup>

Todavia, seus objetivos e esperanças não se distanciam das grandes utopias filosóficas, partilhando com elas um problema recorrente ao longo da história da filosofia – a reconciliação do inconciliável:

Entretanto, se descobrirmos de fato uma teoria completa, ela deverá, ao longo do tempo, ser compreendida, grosso modo, por todos e não apenas por alguns poucos cientistas. Então devemos todos, filósofos, cientistas, e mesmo leigos, ser capazes de fazer parte das discussões sobre a questão de por que nós e o universo existimos. Se encontrarmos a resposta para isto teremos o triunfo definitivo da razão humana; porque então teremos atingido o conhecimento da mente de Deus.<sup>44</sup>

Acreditamos na multiplicidade, e que quanto mais múltipla a minha apreensão e leitura do mundo mais ampla e diversificada será a resposta a ele, com maiores chances de adequação às suas inúmeras

---

<sup>(43)</sup> Stephen W. Hawking. *Uma breve história do tempo: do Big Bang aos buracos negros*, 2000, p.237-38.

<sup>(44)</sup> *Ibidem*, p. 238.

diferenças e diversidades. O mundo em mim converge, e as minhas respostas a ele, como ainda a abrangência da irradiação que elas possam ter, em forma de ações e juízos, estarão condicionadas à amplitude de minha visão. Wittgenstein desenvolveu o conceito de “visão panorâmica” (*Übersicht*), preocupado com as conseqüências advindas de nossas visões limitadas e norteadas por falsas imagens - condicionadas pelos conceitos equivocados - e condicionadoras - de nossos juízos.

Esta seria, sem dúvida, uma preocupação bastante ética, como também acreditamos ser, a postura empreendida pelo cético, que em seus questionamentos e buscas contínuos, afirma-se humildemente no mundo, reconhecendo-o em sua multiplicidade e dinamismo e reconhecendo-se em sua contingência e falibilidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUNNIN, N. e TSUI-JAMES, E. P. (org.) *In Compêndio de Filosofia*, tradução de Luiz Paulo Rouanet, São Paulo: Edições Loyola, 2002.

CARVALHO, M. C. M.(org.). *A Filosofia Analítica no Brasil*, Campinas, SP: Papyrus, 1995.

DESCARTES, R. *Meditações*, Os Pensadores, Nova Cultural, 1996.

DUTRA, Luis Henrique de A. e SMITH, Plínio Junqueira (org.). *Ceticismo: perspectivas históricas e filosóficas*. Florianópolis: NEL/UFSC, 2000.

GRAYLING, A. C. *Ceticismo*. <http://www.odialetrico.hpg.com.br>

HAWKING, Stephen W. *Uma breve historia do tempo: do Big Bang aos buracos negros*. Trad. Maria Helena Torres – Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

PELUSO, Luis Alberto. *A Filosofia de Karl Popper: epistemologia e racionalismo crítico*, Campinas, SP: Papyrus: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 1995.

PORCHAT PEREIRA, Oswaldo. *Saber Comum e Ceticismo*. Manuscrito, vol. IX, n.1, abril de 1986, p. 143-59.

RICHTER, Duncan. *Ludwig Wittgenstein*, The Internet Encyclopedia of Philosophy.

SAGAN, Carl. *A arte refinada de detectar mentira*. <http://www.odialetico.hpg.com.br>

SAGAN, Carl. *O ônus do ceticismo*. <http://www.odialetico.hpg.com.br>

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus Logico-Philosophicus*, tradução, apresentação e ensaio introdutório de Luiz Henrique Lopes dos Santos; [Introdução de Bertrand Russell], 3. ed., São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001, p. 281.

\_\_\_\_\_. *Investigações Filosóficas*. São Paulo: ed. Nova Cultural Ltda., 1999. Trad. José Carlos Bruni.